

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**“BARÁ BARÁ, BERÊ BERÊ” E A IDENTIDADE
CULTURAL BRASILEIRA: DADAÍSMO E
ONOMATOPEIA NA MÚSICA E NA LITERATURA**

Rudião Rafael Wisniewski¹ (IFFarroupilha)

*“Bara, bara, bará
Bere, bere, berê
Bara, bara, bará
Bere, bere, bere, berê”*
Dorgival Dantas de Paiva

Este artigo analisa a identidade cultural brasileira, através das músicas que fazem sucesso na atualidade, observando o excesso de repetição de palavras, as quais imitam sons que remetem à vanguarda modernista chamada “Dadaísmo” e à figura de linguagem “onomatopeia”. Um estudo comparativo entre esses fenômenos nos sucessos musicais e na literatura brasileira, além de questões de identidade e diferença, da indústria cultural e da fluidez da existência contemporânea possibilitam ao professor ser bem-sucedido no trabalho com a literatura, no incentivo à leitura e numa aceitação da diversidade cultural nacional em sala de aula.

1. IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA

1.1 Identidade

Sendo identidade algo próprio e cultura algo coletivo, importa destacar alguns aspectos de cada uma para se falar em “identidade cultural”. Para Hannah Arendt (2000, p.192):

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. Esta revelação de ‘quem’,

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

em contraposição a ‘o que’ alguém é – os dons, qualidades, talentos, defeitos que alguém pode exhibir ou ocultar – está implícita em tudo o que se diz ou faz. Só no completo silêncio e na total passividade pode alguém ocultar quem é; geralmente, porém, não basta o propósito deliberado de fazer tal revelação, como se a pessoa possuísse e pudesse dispor desse ‘quem’ do mesmo modo como possui e pode dispor de suas qualidades.

O conceito de identidade que a maioria das pessoas tem é essencialista, o que não condiz com a realidade, haja vista cada ser humano possuir uma identidade que pode ser comum ou partilhada, mas que difere, inclusive, entre pessoas do mesmo país, estado, cidade e até família. As reivindicações essencialistas têm a identidade como fixa e imutável:

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, ‘na raça’ e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável (WOODWARD, 2008, p. 13-14).

Fausto Colombo (1991, p. 118), ressalta que “a identidade não pode ficar indiferente ao problema da memória” e não se pode definir identidade como o reconhecimento próprio no tempo, como na concepção clássica. Essa identidade está em transformação e, numa visão crítica, é “mera etiqueta externa para o reconhecimento de um grupo, que se define com base nas relações com o mundo exterior e por conseguinte com base na própria *diferença*”. Essas diferenças é que formam um coletivo múltiplo e interessante. As diferenças, em sua diversidade e complementariedade, é que tornam o lugar onde se vive mais dinâmico e agradável.

1.2 Cultura

Formas essencialistas de definição de identidade cerceiam a beleza do conjunto, prejudicando o que se poderia chamar de cultura. No entanto, “cultura”, como o termo é concebido atualmente, parecendo ser algo positivo, pode ter podado identidades e

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

destruído a condição *sine qua non* da cultura. De acordo com Zygmund Bauman (2007, p. 72), quando, no limiar da Era Moderna, a hegemonia percebeu que os seres humanos imperfeitos podiam e precisavam se adequar, ser melhorados, foi concebido o termo “cultura”, “[...] no interior de uma família de conceitos que incluía expressões como ‘cultivo’, ‘lavoura’, ‘criação’ – todos significando aperfeiçoamento, seja na prevenção de um prejuízo ou na interrupção e reversão da deterioração”.

O que o agricultor fazia com a semente por meio da atenção cuidadosa, desde a semeadura até a colheita, podia e devia ser feito com os incipientes seres humanos, pela educação e pelo treinamento. As pessoas não *nasciam*, eram *feitas*. Precisavam *tornar-se* humanas – e nesse processo de se tornar humanas (uma trajetória cheia de obstáculos e armadilhas, que elas não seriam capazes de evitar nem poderiam negociar, caso fossem deixadas por sua própria conta) teriam de ser guiadas por outros seres humanos, educados e treinados na arte de educar e treinar seres humanos (BAUMAN, 2007, p. 72).

1.3 Identidade cultural e Indústria Cultural

“Identidade cultural” precisa ser algo livre, desenvolvido dentro das relações das sociedades, sem ser essencialista, nem precisar criar seres que já são por antonomásia. Seria minimalista afirmar que a identidade cultural brasileira é baseada no futebol e no carnaval, quando os brasileiros possuem muito mais para mostrar culturalmente.

A arte em geral, as manifestações histórico-culturais e a identidade de uma região servem como inspiração e conteúdo de obra e produto cultural. Através dessa concepção, a Indústria Cultural busca produzir algo que conquiste público e relevância comercial e se ramifique em produtos licenciados. O capitalismo transformou cultura em produto. O problema é que apesar da Indústria Cultural ser um fator primordial na formação de consciência coletiva nas sociedades massificadas, nem de longe seus produtos são artísticos. Isso porque esses produtos não mais representam um tipo de classe (superior ou inferior, dominantes e dominados), mas são exclusivamente dependentes do mercado. Theodor W. Adorno, um dos filósofos engajados na tentativa

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

de fazer pensar sobre a falta de autonomia da sociedade criada nessa cultura, alerta, juntamente com Max Horkheimer, para os perigos de se seguir a mídia:

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica, permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos [...] paralisam essas capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO & HORKHEIMER, 1997, p. 119).

Se analisada a cultura musical atual, onde impera o Sertanejo Universitário, tem-se clara certeza da imposição da “cultura do transitório”. Uma sociedade e, por conseguinte, uma indústria em constante crescimento como a atual, exige que os objetos sejam substituídos rapidamente. A modernidade, a vida e o amor, como escreveu Bauman em suas obras, são líquidos. Não podem ser apreendidos por muito tempo. Dessa forma, valorizam-se músicas facilmente decoradas e que não farão sucesso por muito tempo, podendo logo ser substituídas por outras, da mesma forma que aparelhos televisivos, celulares, e até relacionamentos amorosos.

Quem quer logo esquecer outra pessoa, não fará isso com facilidade se ouvir em sua companhia, músicas do Caetano Veloso, como: “Às vezes no silêncio da noite/ Eu fico imaginando nós dois/ Eu fico ali sonhando acordado/ Juntando o antes, o agora e o depois”¹. Melhor ouvir: “Bara, bara, bará/ Bere, bere, berê/ Bara, bara, bará/ Bere, bere, bere, berê”, composição de Dorgival de Paiva, interpretada por Michel Teló.

Há muita crítica a respeito deste gênero musical – o sertanejo universitário –, por estar repleto de letras como essa. Vejamos outros exemplos: *Eu Quero Tchu*, *Eu Quero Tchá* (João Lucas e Marcelo); *Lê Lê Lê* (João Neto e Frederico); *Balada Boa - Tchê Tchê Rerê* (Gusttavo Lima); *É nós fazê parapapá* (Michel Teló); *Eu vou pegar você e tãe* (Munhoz e Mariano). No entanto, não é só o referido ritmo que se vale

¹ As músicas citadas no artigo foram retiradas do sítio <<http://www.lettras.mus.br/>>.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

abundantemente de canções com pouca letra e muita repetição; no axé pode-se citar: *Tchubirabiron* (Parangolé); no funk: *Passinho do Volante* (Mc Federado e os Leleks), que ganhou inclusive uma releitura gauchesca: *No barulho do meu relho* (Garotos de Ouro).

No ambiente escolar, não há como fugir de demonstrações culturais, mesmo as produzidas pela Indústria Cultural. Cabe então, aos professores, aproveitarem a cultura vigente para trabalharem seus conteúdos de forma a fazer sentido para os alunos tão focados em temas passageiros. O professor de Literatura pode aproveitar a letra de canções como as supracitadas para trabalhar com a vanguarda modernista chamada “Dadaísmo” e a figura de linguagem “Onomatopeia”.

2. DADAÍSMO E ONOMATOPEIA

José Herculano de Carvalho (1973, p. 187), afirma que “a onomatopeia no sentido restrito e mais exato do termo, é um objeto sonoro de configuração bem definida e valor significativo constante, embora impreciso, dentro de uma determinada comunidade linguística”, tal objeto sonoro, é constituído por um som ou, mais frequentemente, uma combinação de sons correspondentes aos fonemas da língua dessa comunidade: zás, pum, pimba, dlim-dlão, tlim-tlim, tic-tac, tãe-tãe-tãe, etc. O autor (p. 192) refere-se também a “onomatopeias de movimento”, que consistem em representações não de um som, mas sim da imagem visual ou de um movimento: cambalear, bambolear, ziguezaguear, etc.

Pode-se tomar como exemplo de onomatopeia, a poesia de Cecília Meireles (2002, p. 31): “Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...” Também o trecho de um conto de Machado de Assis (1994, p. 89): “E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano”. Então, onomatopeia é a “reiteração de sons com o objetivo de imitar determinado ruído. O badalar dos sinos, por exemplo” (COELHO, 1993, p. 85).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

O movimento Dadá ou Dadaísmo foi um movimento artístico da chamada vanguarda artística moderna iniciado em Zurique, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, no chamado *Cabaret Voltaire*. Formado por um grupo de escritores, poetas e artistas plásticos, dois deles desertores do serviço militar alemão, liderados por Tristan Tzara, Hugo Ball e Hans Arp. O termo faz alusão à linguagem dos bebês (goo-goo, dadá), e representa a falta de sentido que a linguagem pode ter.

Em seu livro *Literatura e linguagem*, Nelly Novaes Coelho (1993, p. 211) define Dadaísmo como a “tentativa do artista, arrastado por uma época caótica, de expressar a sua confusão simultânea com meios correspondentes, mas totalmente antirrealistas, [...] ou ainda, de formar montagem de palavras e cores aparentemente abstratas, desligadas do tempo”. No Brasil, o Dadaísmo tem referência através do escritor Mário de Andrade em seu livro *Paulicéia desvairada*. Já no prefácio do livro, o autor recomenda que só deveriam lê-lo os leitores que soubessem urrar. Um dos poemas mais conhecidos é “Ode ao burguês”.

Tristan Tzara (2001, p. 81) ensina como pode ser feito um poema com as características dessa vanguarda modernista:

Para fazer um poema dadaísta

Pegue um jornal.

Pegue a tesoura.

Escolha no jornal um artigo do tamanho que
você deseja dar ao seu poema.

Recorte o artigo.

Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam
esse artigo

e meta-as num saco.

Agite suavemente.

Tire em seguida cada pedaço um após o
outro.

Copie conscienciosamente na ordem em que
elas são tiradas do saco.

O poema se parecerá com você.

E ei-lo um escritor infinitamente original e de
uma sensibilidade graciosa,
ainda que incompreendido do público.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

2.1 Dadaísmo e Onomatopeia na música e na literatura: um bom recurso para a sala de aula

Os professores podem aproveitar as músicas que fazem sucesso para trabalhar a diversidade cultural brasileira, mostrando outras canções de compositores e cantores de renome e de outros estilos musicais, as quais também se valeram de onomatopeias. Além disso, pode mostrar em poemas, contos e romances do cânone literário – e demais textos da literatura nacional – a aparição e a importância de tal figura da linguagem na compreensão do texto.

Elementos que fujam à compreensão podem ser utilizados quando se trabalha Modernismo, para compreender a vanguarda dadaísta. Embora a maioria tenha conotações sexuais, o professor não pode se esquivar da análise do significado dos sons onomatopeicos como “tchu-tcha-tchá”, “tãe-tãe-tãe” e “parapapá”, os quais representam o barulho dos corpos em atrito. Expressões sem significado, como “tchubirabiron”, “tchê-tchê-rerê” e “bará-bará-bará, berê-berê-berê” podem ser tomadas como exemplo de Dadaísmo. Uma análise ainda mais interessante é possível com as duas versões de “lek-lek-lek”, pois além de poder se trabalhar com a intertextualidade e paródia, através da versão gauchesca, a letra original é dadaísta, pois não tem um significado claro, enquanto a gauchesca é uma onomatopeia do barulho feito pelo relho.

Portanto, cabe aos professores a tarefa de mostrar a beleza que há na diversidade cultural brasileira, tentando menorar a falta de autonomia provocada pela Indústria Cultural e incrementando suas aulas com elementos atrativos, pois provenientes do cotidiano dos educandos. Assim, verão a Literatura como algo interessante de se estudar. Basta partir dos “bará-barás” do dia a dia para chegar nos “plic-plics” machadianos.

Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ASSIS, Machado. *Contos*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1994.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CANCLINI, Néstor G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CARVALHO, José H. *Teoria da Linguagem*, Coimbra: Atlântida, 1973.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos – Memória social e cultura eletrônica*. Trad. Beatriz Borges. Porto Alegre: Perspectiva, 1991.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W., *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

TELÓ, Michel. Bará bará, berê berê. Disponível em: <<http://letras.mus.br/michel-telo/bara-bara-bere-bere/#>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

TZARA, Tristan. Para fazer um poema dadaísta. In: TELLES, Gilberto M. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2001. p. 81.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz T. (Org.). 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

WORTMANN, Maria L. Pedagogia, cultura e mídia; algumas tendências, estudos e perspectivas. In: BUJES, Maria I. e BONIN, Iara T. (Org.) *Pedagogias sem fronteiras*. Canoas: ULBRA, 2008.

ⁱ (Mestre em Letras: Literatura – URI-FW, Docente do Instituto Federal Farroupilha – Câmpus Panambi, Brasil)
E-mail: rudiao@pb.iffarroupilha.edu.br